



O PAPEL DO TEATRO NAS AULAS DE ARTE DO COLÉGIO ESTADUAL AURA BARRETO

THE ROLE OF THEATRE IN ART CLASSES STATE COLLEGE AURA BARRETO

SOUZA, Rennata Lillya Feitosa de

Aluna do Programa de Pós Graduação em Ensino de Artes Cênicas- PPGEAC da UNIRIO
rennata_li@hotmail.com

27

RESUMO

Esta pesquisa tem por objetivo apresentar o papel do teatro na formação dos alunos da Escola Estadual Aura Barreto em Gramacho. Trata-se de uma investigação monográfica, levanta questões a partir de experiências ocorridas no processo de ensino aprendizagem. Questões estas que apresentam indicativos para o despertar crítico do aluno a partir do exercício do teatro. Ressalto também as particularidades do desenvolvimento das aulas de teatro dentro de uma instituição de ensino regular pública retratando as dificuldades existentes no processo e o caminho percorrido em busca de possibilidades de trabalho com um intuito de um processo cênico educativo que pudesse contribuir de alguma forma para o desenvolvimento. Entendeu-se que a melhor forma de apresentar o trabalho realizado nesses encontros escolares sob a perspectiva de observação e análise escolhida seria reunir as principais questões surgidas em bloco como os de: um panorama histórico com relação o ensino do teatro nas escolas públicas brasileiras do Rio de Janeiro bem como entender a trajetória percorrida na escola Aura Barreto com experiências e práticas pedagógicas teatrais, além de entrevista com a equipe pedagógica da Escola Aura Barreto e relato dos alunos. O embasamento teórico dessa pesquisa gira, principalmente em torno de temas que abordam teatro, educação e sociedade, em especial de encontro aos estudos de Augusto Boal e Paulo Freire.

Palavras-chave: Educação. Teatro. Transformação social.

ABSTRACT

The present research aims at presenting the role of theater in the students' education from Aura Barreto State School in Gramacho. It's a monographical investigation which brings about issues concerning occurred experiences on the process of teaching and learning. These issues present pictures in order to risen the students' critical awakening from the exercise of theater. I also highlight the particularities of the acting classes development inside a regular public institution, picturing how hard it can be during the process and how to pursuit possibilities of a scenic-educative process which somehow contributes with the development. The theoretical basis of this research is all about themes concerning theater, education and society, specially regarding previous studies from Augusto Boal and Paulo Freire.

Key words: Education. Theater of the oppressed. Social transformation.



1 INTRODUÇÃO

O Teatro, por ser uma arte coletiva, contribui para que as discussões que são abordadas em seu processo sejam cada vez mais ricas, pois são várias pessoas, que pensam de formas diferentes com relação a um determinado assunto. Portanto, isso amplia o ponto de vista das pessoas envolvidas. São inúmeros os assuntos que um grupo pode abordar teatralmente, com o intuito de ampliá-las e fortalecê-las. Geralmente quando realizado por uma comunidade, são questões pertinentes a melhoria daquele povo. Como por exemplo: Dentro de uma comunidade escolar podemos pensar a relação professor x aluno, caso seja necessário. Por meio de jogos, brincadeiras e diálogo, as pessoas trocam experiências e podem descobrir possibilidades para a solução de uma problemática do cotidiano. O ensino do teatro pode vir a ser um recurso no processo de formação educacional, colaborando com a função da escola na vida do cidadão. Vivemos em uma época em que as mudanças estão ocorrendo cada vez mais rápidas e constantes. Com o desenvolvimento tecnológico, o desafio da educação assume proporções cada vez maiores, pois as relações sociais mudaram, o ter se tornou mais importante que o ser. Os objetivos das pessoas são diferenciados. Portanto, é necessário pensar uma estratégia educacional que possa inserir o aluno nesse processo como um ser atuante, afinal é sua própria formação que está em pauta, conseqüentemente a capacidade de protagonizar sua história e colaborar para a transformação da sociedade. É interessante que o indivíduo veja o outro como um amigo, companheiro em que possa existir uma relação harmoniosa e não somente, competitiva como a mídia, o consumismo e o capitalismo nos impõe.

Nas escolas em que ainda há um ensino tradicional com relação a disciplina de artes, quando se utiliza a linguagem teatral, percebemos que a preocupação principal é que o aluno memorize falas, fazendo com que o sujeito em formação seja impossibilitado de usufruir da sua liberdade de pensamento e expressão, tendo como foco apenas montagem de peças. Ou seja, o objetivo é um produto final a ser apresentado. Esse tipo de trabalho tem seu valor, mas o elemento essencial que deveria exigir uma atenção maior, é a transformação que ocorre no aluno ao atravessar o processo cênico até ele chegar em um determinado produto acabado. Segundo Vera Lúcia Bertoni Silva (2009), nesse tipo de ensino nas “[...] montagens cênicas escolares, as crianças parecem limitar-se a reproduzir padrões estereotipados e modelos adultos (sem sentido para elas), o que tende a ocasionar condutas exibicionistas, quando não



significam experiências traumáticas.” Considerando o desenvolvimento das funções intelectuais, constata-se que esses métodos autoritários tendem, muitas vezes, a passar despercebidos, pois os alunos que se limitam a repetir os que lhes foi “transmitido”, parecem apresentar um resultado satisfatório, sem que se consiga estimar os desejos e curiosidades que reprimiram. Em 2009, participei como ouvinte da Conferência Internacional de Teatro do Oprimido no Rio de Janeiro onde tive oportunidade de conhecer como a metodologia do Teatro do Oprimido era utilizada em diferentes lugares do mundo, aplicado em diversas áreas e presente nas mais diversas mesas de discussões nos encontros científicos e culturais. Em uma das mesas desse evento a fala do professor Moacir Gadotti representante do Instituto Paulo Freire no Brasil - IPF, veio ressaltar a preocupação com o social que está presentes no pensamento da Pedagogia do Oprimido de Freire e o Teatro do Oprimido de Boal. Esta informação me serviu de ponto de partida para pesquisar a prática que vinha desenvolvendo em sala de aula. A minha preocupação, como professora, sempre foi oferecer aos meus alunos, meios, possibilidades necessárias para o desenvolvimento de suas próprias opiniões como cidadãos. Os pensadores que tem influenciado os meus estudos e o planejamento de minha prática profissional, desde a faculdade, são Paulo Freire e Augusto Boal.

No ano seguinte, tomei posse como Professora de Artes do Estado do Rio de Janeiro exercendo minhas funções no Colégio Estadual Aura Barreto – CEAB, no Município de Duque de Caxias – Rio de Janeiro. Essa foi a minha primeira experiência como professora da disciplina de Artes em uma escola pública. Eu já tinha exercido o trabalho de educadora na cidade em que nasci, Fortaleza - CE, como professora regente - pois também sou formada em pedagogia e sempre que via uma oportunidade utilizava as artes cênicas durante as aulas. Mas foi a primeira vez como professora da disciplina de Artes e, em especial, dentro de uma comunidade, experiência que irei descrever no capítulo três de forma mais aprofundada.

Essa pesquisa tem como objeto de pesquisa o desenvolvimento de um grupo de pessoas para as quais ministrei aulas de artes no 9º ano do Ensino Fundamental e 2º ano do Ensino Médio, concluído em 2013, no Colégio Estadual Aura Barreto. O objetivo da pesquisa é **investigar o papel do teatro na formação cidadã desses alunos.**

Metodologia - Resolvi utilizar a metodologia de pesquisa qualitativa, porque ela se ocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, trabalha com o universo de significados, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não



podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. A coleta de materiais foi feita em encontros dentro e fora da escola, com entrevistas, observações, formulários, as suas próprias histórias de vida, filmagens, registros fotográficos, além das pesquisas dos alunos com roteiro, figurino, cenário e sonoplastia.

Referencial teórico- As teorias de Augusto Boal (1991; 2009) criador do Teatro do Oprimido e Paulo Freire (1987; 2011) da pedagogia do Oprimido, são norteadoras dessa pesquisa porque ambos se preocupavam com as classes menos favorecidas. Suas teorias e práticas tem um foco libertador com relação ao oprimido e um comprometimento com a transformação social a partir da práxis (ação + reflexão), levantando questões sobre a realidade da comunidade, tendo como base uma relação dialógica entre professor – mediador do processo e o aluno. Homens tendo o mundo como um elemento mediador.

O pensamento de Boal (1991; 2009) sobre a importância do fazer teatral para uma visão crítica da realidade e a Pedagogia do Oprimido de Freire - com um olhar cuidadoso em que através de uma prática de ensino que tem como base uma pedagogia voltada para a liberdade e contribui para que o sujeito se veja como o responsável pela sua autoconfiguração e fazedor de sua história - dá-nos o suporte teórico necessário para essa pesquisa.

2 A EXPERIÊNCIA NA ESCOLA AURA BARRETO: A DESCOBERTA NO PERCURSO PARA UMA FORMA DE TRABALHO TEATRAL

A realidade daquela escola era muito distante da realidade escolar que tive a oportunidade de ter na minha infância e adolescência. Estudei em uma escola particular com todos os espaços físicos possíveis para a realização de trabalhos, laboratórios de ciências, informática, aulas de música, artes, várias quadras esportivas, ginásio, um teatro no anexo, com vários esportes no recreio e não me recordo ter entrado em uma escola pública a não ser em período eleitoral para votar. Tudo era muito diferente, mas, no fundo, tinha um pouco daquela realidade em mim, pois ouvia muito as histórias de vida dos meus pais, das dificuldades que passaram para sobreviver e ter que ajudar os meus avós no roçado, da problemática em estudar e trabalhar para ajudar na educação dos irmãos por serem os filhos mais velhos da casa, a falta de oportunidade e instrução de alguns familiares meus, fazia com que eu tivesse uma certa



identificação. Aquela realidade me chocava, mas, no fundo, era próxima das minhas raízes. A oportunidade de estudo que tive em uma escola particular de educação básica foi com muito esforço e dedicação dos meus pais. O público do C.E.A.B era uma clientela que morava na região de Gramacho e suas adjacências.

No início das aulas, não sabia muito o que fazer porque na universidade temos as salas apropriadas para vivenciarmos as experiências que são muito diferentes da realidade da escola pública e comecei a trabalhar com o que acreditava que daria certo, com o fichário de Viola Spolin.

Levava o fichário de Viola Spolin (2003) com os jogos teatrais e tentava realizar o que dava naquele espaço de aula com muitas carteiras. Fazia um roteiro com os exercícios viáveis, pois tínhamos um tempo determinado de 50 minutos por hora/aula e um número de 30 à 35 alunos dentro de uma sala. Os jogos de Viola Spolin eram selecionados de maneira que não necessitasse de um espaço livre para que ocorresse deslocamento dos alunos, pois eu não dispunha disso. Na verdade, era pensando em algo que aproveitasse o tempo da melhor maneira no que tínhamos, arrastar as cadeiras perder-se-ia muito tempo. Entre os exercícios que selecionava, o que funcionava bem, era o que poderia ser feito com os alunos de maneira que os mantivessem concentrados na aula dentro daquele espaço. Estava trabalhando dentro de uma comunidade que no dia a dia percebia como existiam questões muito importantes que os alunos traziam em conversas despreziosas, em desabafos nos pátios, no caminho de casa quando pegávamos o mesmo ônibus no final da aula. Era notório a necessidade de falar, então tentei repensar a minha aula e trazer um pouco de bate papo. Até porque conhecer o grupo que ia trabalhar era extremamente necessário para saber o que planejar para as aulas.

Sabia que 90% nunca tinha ido ao teatro, mesmo tendo um belíssimo teatro no centro da cidade de Caxias-RJ. Então o que fazer? Por onde começar?

As técnicas de Viola trouxeram uma certa aproximação, os alunos estavam mais descontraídos, mais entregues, mais livres.

Segundo Viola Spolin (2003, p. 3): “Se o ambiente permite, pode-se aprender qualquer coisa, se o indivíduo permitir, o ambiente lhe ensinará tudo o que ele tem de ensinar.”

Desse modo, nossos primeiros encontros e a minha tentativa de seguir os exercícios do fichário de Viola no passo a passo serviu para harmonizar o ambiente e contribuir para a entrega dos alunos no processo educativo que estava iniciando.



No primeiro ano com esse grupo experimentamos vários caminhos. Cenas improvisadas com temas sorteados sugerido pelos alunos era muito divertido no início era sempre o mesmo grupinho que queria participar, mas depois foi ficando tão descontraído que a maioria estava participando. O aluno não era obrigado a participar das cenas improvisadas, mas deixava claro que era interessante fazer as suas observações com relação o trabalho do colega. Sempre prezando o respeito e com o objetivo de melhorar a apresentação do colega. Por ser um número grande de alunos foi um processo lento a inserção do grupo todo.

Por ser um número grande e nem todos estarem interessados. Consideramos a importância da plateia fazer silêncio naquele momento e ouvir o que o grupo que estava falando na apresentação, pois eles trazem alguma discussão sobre a vida e mesmo que não tivesse interesse em ouvir, saber ou pensar nada sobre o que estava sendo apresentado eu não tinha a autorização de liberá-los da sala portanto seria bacana que de alguma forma não atrapalhasse os amigos e também era primordial que colaborassem com o seu ponto de vista com relação ao que aconteceu durante aquela respectiva aula, pois me ajudaria muito trazer algo que os interessasse. E, assim, criamos como estratégia o correio com o feedback. O aluno que estava na posição de plateia daria sua opinião. Certo dia uma aluna escreveu assim. “No início demorou demais, a plateia não ajuda. Não dá pra ouvir o que os atores estão falando. Não gostei poderia ser melhor se o público ajudasse. A história é ótima!”

De maneira muito natural fomos introduzindo alguns conceitos como plateia, espectadores, sonoplastia, figurino, cenário entre outros. A maioria das apresentações vinha com temas ligados ao namoro, amor, paixão, ciúmes e amizade.

Com o passar do tempo esses temas iam se desdobrando nos encontros e nas discussões e íamos nos aprofundando de acordo com a realidade. Por exemplo namoro trouxe a abordagem da gravidez na adolescência. Os ciúmes trouxeram a violência doméstica. Amizade trouxe as questões das drogas e como consequência, a prostituição, entre muitos outros temas sugerido pelos alunos.

Os encontros estavam virando grandes rodas de conversa.

De muitas dramatizações com roteiros fictícios, iam surgindo fatos, situações concretas que os alunos iam ilustrando em suas falas. Eu estava muito interessada em saber até que ponto ia aquele interesse dos alunos, percebia como o teatro estava ajudando eles a se expressarem, a pensarem problemas do seu cotidiano, a buscarem refletir sobre as causas e consequências de uma atitude ou outra. A grande conquista é que eles não se falavam mais aos gritos quando



tinha alguma situação que um incomodava ao outro. Estava ocorrendo um exercício de escuta e de democracia. Infelizmente o nosso tempo de 50 minutos passava muito rápido. As aulas seguiram em forma de debate os temas deveriam ser ligados à realidade da comunidade. Entre eles surgiram: o lixo, saneamento básico, violência e a situação dos hospitais em Caxias.

Foi interessante porque eu também passei a conhecer mais sobre a realidade da comunidade, a troca entre os colegas fazia com que muitos pontos de vistas fossem mudando. No início o desânimo de alguns e falta de perspectiva na localidade onde moram era latente. Recordo bem da fala de uma aluna: “Professora, a água só corre para o mar.” Aí um outro aluno falou, se pensarmos assim não podemos mudar nada. Na fala das pessoas aqui, eu vejo, que cada um tem sua opinião, jeito de ver a vida. Eu sempre critiquei que o bairro era cheio de lixo, mas nunca pensei o que eu poderia fazer para mudar isso e, hoje, eu penso que posso fazer.” Esse aluno lançou a ideia de confeccionarmos qualquer coisa com o lixo que eles produziam e assim fizemos. Culminou com uma exposição. Surgiram brinquedos, enfeites, jogos, árvores de garrafas pet, animais, jaulas com folhas de revista entre outros. O professor de ciências viu os trabalhos e decidiu dar alguns pontos para acrescentar na nota de alguns alunos que fizeram o trabalho, isso foi um grande incentivo. Daí, surgiram algumas parcerias entre a disciplina de ciências e artes.

A democracia não pode sobreviver sem um mínimo de consenso sobre tais princípios. Ao mesmo tempo, ela requer opiniões que se confrontem, ou seja, co-ideologias (pouco importa a denominação que se dê a isso, o que implica diversidade de opiniões. A democracia, nutre-se de conflitos, mas o faz de maneira particular: ela os canaliza para que eles se expressem por meio de discurso..., isto é, por meio de palavras e não por golpes. (MORIN, 2003, p. 32).

Os alunos gostaram e até quem não estava muito envolvido decidiu participar. Um aluno bastante tímido disse: “Professora, a senhora falou que nessa aula pode tudo, eu gosto de escrever então eu posso fazer um poema?” “Essa fala foi desencadeadora para que eu propusesse a professora de Português entrar nesse projeto e a de Educação Física também para ajudar nos grupos que quisessem danças ou alguma apresentação com as possíveis paródias criadas pelos alunos que envolvessem o corpo.

Combinei com os alunos que poderiam escolher qualquer conteúdo da disciplina Ciências que mais gostassem e criar um poema, uma paródia (expliquei o que era), uma dança,



uma cruzadinha, caça-palavras, qualquer coisa relacionada ao conteúdo, pois ia conversar com os professores para aceitarem esses trabalhos em suas disciplinas. Segue abaixo um poema para ilustrar um pouco da ideia.

Mesmo que para alguns o incentivo para a aprendizagem fosse a nota que ia receber em outra matéria, os alunos estavam se ocupando de uma forma particular e criativa para adquirir esse conhecimento e se apropriando de novas informações de uma maneira prazerosa com a qual se identificavam. Mesmo que não criassem um texto ou poema, eles teriam o interesse de pesquisar algo sobre o assunto

A culminância desse trabalho foi uma exposição com a confecção de objetos e brinquedos que decidimos fazer para reaproveitarmos o lixo e cenas curtas ligadas a saúde e o consumismo.

O que norteou essa dinâmica foi a necessidade de uma prática docente a serviço da comunidade que fosse estimulada por políticas educacionais populares, ou seja, uma política que implicasse uma participação ativa da comunidade (professores, pais, alunos e moradores do bairro), feito por ela e para ela de forma autônoma, sem nenhum vínculo com qualquer que seja o partido político. Pensando sempre na melhoria da comunidade sem muita burocracia, de forma prática, objetiva e dentro do contexto real. Onde o currículo escolar, ou a matriz sugerida pela Secretaria de Educação do Estado, seja repensada, recontextualizada e sofra alterações de acordo com a necessidade de um processo em que torne a comunidade ativa. Sendo o sujeito de sua história. Essa política popular permite que a cultura do seu povo se dê de forma democrática. Outro ponto importante foi que a gestão administrativa, pedagógica e os professores fossem moradores da comunidade. No meu caso eu não era, tive a necessidade de estar um pouco mais com os alunos para me apropriar e sentir que estratégia pensar para que fosse desenvolvido um trabalho condizente com o que a comunidade queria. Onde os alunos tivessem recursos necessários para o bom desenvolvimento desse trabalho

O passo seguinte do trabalho foi pedir para que os alunos ficassem bem atentos ao seu cotidiano e trouxessem situações em que eles se sentiam oprimidos de algum modo. Poderia ser qualquer situação de opressão que eles tivessem vivido durante a semana ou algo que já passaram e que ficou guardado na memória e quisessem compartilhar com o grupo para pensarmos juntos o que poderíamos fazer diante da situação, se fôssemos nós no lugar daquele ser humano que sofreu a opressão. Essa ideia rendeu bastante surgiram muitos temas como preconceito religioso, racial, de classe social, de opção sexual, violência doméstica entre



outros. Essa forma de trabalho acompanhou o nosso processo até o final do meu período na escola com esses alunos porque fui removida para outra regional próximo ao meu endereço residencial.

Não havia obrigatoriedade para o compartilhamento de cenas e o calendário ia se compondo de acordo com as demandas. Recordo que um dia, quando cheguei na sala, uma aluna falou: “Professora, quero contar uma opressão.” Eu imaginei que ela apresentaria uma cena como havíamos combinado. Na hora da apresentação ela pediu que formássemos um círculo e disse: “Eu preciso apenas falar. Bem... essa é a terceira escola em que me matriculo. Fui perseguida nas duas anteriores. Saí, porque sou de umbanda e todos me chamavam de macumbeira e não queriam ser meus amigos. Aqui fui bem recebida e posso falar o que sou, quem sou e tenho amigos. Além de mim, também tem outras pessoas que também vão para o terreiro. Sou feliz aqui.” Perguntei se alguém sabia alguma coisa sobre a umbanda e a maioria assim como eu, não sabia muito. Ela então deu uma aula linda, os colegas que também conheciam um pouco do assunto foram ajudando.

Cada dia percebia que aprendia muito com os alunos, que a minha prática estava sendo pensada para eles, com eles, a favor deles e que estávamos desenvolvendo a atividade política. Freire (2003, p. 25):

Quanto mais tomamos essa clareza através da prática, tanto mais percebemos a impossibilidade de separar o inseparável: a educação da política. Entendemos então, facilmente, não ser possível pensar sequer, a educação, sem que se esteja atento à questão do poder. Não foi a educação burguesa a que criou ou enformou a burguesia, mas a burguesia que, chegando ao poder, teve o poder de sistematizar a educação ...isso não significa de modo algum, que a educação sistemática seja uma pura reprodutora da ideologia dominante. As relações entre educação enquanto subsistema e o sistema maior são relações dinâmicas, contraditórias e não mecânicas. A educação reproduz a ideologia dominante isso é certo, mas não faz apenas isso. As contradições que caracterizam a sociedade como está sendo penetram a intimidade das instituições pedagógicas em que a educação sistemática se está dando e alteram o papel ou o esforço reprodutor da ideologia dominante.

A prática educativa desenvolvida no C.E.A.B mesmo que conduzida de forma intuitiva e espontânea, estava alicerçada em uma opção política. Um desejo de mudança, desvelamento da realidade e reflexão sobre ela com ações concretas, percebendo a necessidade de historicizar o processo educativo.



A partir do momento em que a aluna trouxe os seus conhecimentos sobre a umbanda e falou sobre ele e o preconceito existente com relação a sua escolha religiosa e espiritual, surge a necessidade de nos questionarmos. Por que não estudamos isso na escola? Por que todo esse preconceito? De onde vem a umbanda? Conseqüentemente isso nos leva a estudar um pouco mais a nossa História. Terminei meu período de trabalho com aqueles alunos desenvolvendo um trabalho sobre a cultura afrodescendente. Estudamos um pouco da História tendo como base o livro de Heloísa Menandro (2008) adotado pela rede pública do Rio de Janeiro. Uma aluna dançou jongo, dois alunos trouxeram o jogo de capoeira para sala, fizemos um lanche com pratos típicos da cultura afro ou oriundos dela trazido pelos alunos, um desfile com roupas e instrumentos utilizados pelos afrodescendentes na quadra da escola para todas as turmas assistirem e na sala a apresentação de um esquete pelo grupo. Esse trabalho teve mais tempo de ser elaborado porque o horário de aula da professora de educação física com esses alunos era exatamente antes do meu e então juntávamos as duas turmas na quadra e trabalhávamos em parceria. Ela colaborou nesse período com o trabalho de expressão corporal através da dança e confeccionamos uma revista afrodescendente.

A possibilidade dessa realização foi fruto de um trabalho coletivo e a parceria de alguns colegas professores na tentativa de fazer o melhor para os alunos e com a certeza da dificuldade de dominar outras linguagens, outras áreas, de reunir forças e aproveitar o conhecimento dos professores para utilizar suas aulas discutindo um pouco mais sobre as nossas questões e a consciência da dificuldade de ser um trabalho completo onde toda escola se mobilizasse. Buscamos o caminho de projetos integrados entre as disciplinas na medida do possível. Portanto, o caminho trilhado, a forma de trabalhar e todo o envolvimento da equipe facilitaram e contribuíram para que existisse uma educação para a libertação através da busca de novos conhecimentos através de um conhecimento já existente.



Quadro 1: Percurso do Trabalho

1º momento	2º momento	3º momento
Sala de aula tradicional: Técnicas de jogos e exercícios selecionados que fossem possíveis para a realização do trabalho no espaço convencional e sem muito diálogo. O aluno realizando o que o professor pedia serviu para descontrair e proporcionar uma maior integração.	Aproveitamento de horários extraclasse: ponto de ônibus, saída da escola, praça da escola, corredores, refeitório, lanche e almoço com os alunos. Obs: conversas despreziosas em momentos fora do horário da aula, que você conhece o grupo que está trabalhando. Necessidade dos alunos de contarem as suas histórias, desabafos.	Cenas improvisadas contando a sua história, reciclando a identidade da comunidade, descoberta de temas para o trabalho. Em outros espaços fora da sala de aula. Como por ex.: pátio, refeitório, quadra. Surgimento de propostas de trabalhos interdisciplinares.
4º momento	5º momento	6º momento
Apresentação de trabalhos interdisciplinares e a plateia não era composta apenas por alunos e funcionários da escola, mas aberta para a comunidade.	Os alunos sentiram necessidade de ensaiar fora da escola e usavam as ruas do bairro.	Surgiram apresentações fora da escola.

Fonte: Própria autora.

3 RESULTADO E ANÁLISE

Observando o conteúdo do Quadro 1, que tenta delinear a trajetória do trabalho da professora de Artes cênicas nessa escola, o caminho inicia-se dentro do espaço micro, se podemos dizer assim, que é a sala de aula, onde o professor realiza os encontros com os alunos, com uma configuração de escola tradicional por conta da disposição das cadeiras escolares, da lousa, e o tempo aula sem nenhum link com outras disciplinas, me seguida surge a necessidade de entrosamento entre educador e educando, e conseqüentemente o desdobrando no desejo de estar em outros espaços da escola e em circunstâncias diferentes do horário de aula. Professor e aluno se conhecendo em outros momentos que não são apenas no horário específico da aula dele, onde subteve-se o professor como dono do saber, mas a quebra desse padrão. Professor no pátio com os alunos na hora do lanche, no refeitório na hora do almoço. Esse simples gesto foi entendido com uma forma de desconfigurar o professor dono do saber, o comandante, o sabe tudo, o intocável e imortal. Mas, um humano que está, ali, para aprender também, para socializar com o aluno, para trocar.

No terceiro momento, há o reaproveitamento do espaço próximo a lousa e a mesa do professor na parte frontal da sala, sendo utilizado para apresentação das cenas. Aí, surge uma



dificuldade do professor em assessorar os alunos fora de sala (que estavam preparando a cena improvisada) orientando com as cenas e ao mesmo tempo preparando a plateia (alunos espectadores), levantando discussões e a importância do ouvir para entender e refletir sobre a história que nos pertencia. Muitas vezes a falta de compreensão do coordenador em ver um grupo de alunos fora de sala e solicitar que entrassem para realizar o trabalho, pois entendia a necessidade do silêncio, senão atrapalharia as salas vizinhas que estavam em aula refletia na qualidade da atenção necessária aos alunos e no aprofundamento das questões. Contudo, nota-se o desenho de grupos se formando, o sentido de unidade, de comunidade com um propósito, revelar suas opressões.

No momento seguinte revela a formação de subgrupos articulados e interligados para que a totalidade se mantivesse. A ocupação de espaços que não se limitam a estrutura física da sala de aula e torna a escola toda (alunos e professores) plateia desse processo. E para isso acontecer “quebrar regras “ou reformular de alguma maneira os horários e planejamentos pré estabelecidos de aula normal. Isso também vai dando uma visibilidade ao trabalho que clama a parceria de outros professores e assim o projeto se concretiza de maneira intensa e coletiva, englobando todos que tem contato com os alunos e buscam uma educação estimulante a novas formas de práticas que contribuam para o conhecimento. Com o desejo de ir além e pelo prazer ao trabalho os alunos começam a ensaiar e criar novos trabalhos nas ruas do bairro e isso proporciona convites para apresentações em festas e eventos no bairro.



Foto 1 - Violência



Fonte: Própria autora



Foto 2 - Preconceito racial



Fonte: Própria autora

Foto 3 - Gravidez na adolescência.



Fonte: Própria autora



Foto 4 - Bullyng



Fonte: Própria autora

Foto 5 - Prostituição na adolescência



Fonte: Própria autora



Foto 6 – Drogas nas baladas



Fonte: Própria autora

REFERÊNCIAS

BOAL, Augusto. **A Estética do oprimido**. Rio de Janeiro. Garamond, 2009.

BOAL, Augusto. **Teatro do oprimido e outras poéticas políticas**. 6. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler em três artigos que se completam**. 45 ed. São Paulo: Cortez, 2003.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. 14. ed. Editora: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1987.

MENANDRO, Heloísa Fesch. **Estado do Rio de Janeiro: sua gente e sua história**, 4º ano: História. São Paulo: Editora do Brasil, 2008.

MORIM, Edgar. Ética e imaginário. **Edgar Morim: ética, cultura e educação**. 2. ed. In: PENA-VEGA, Alfredo; ALMEIDA, Cleide R. S.; PETRAGLIA, Izabel. São Paulo: Cortez, 2003. p. 31-37.



SILVA, Vera Lucia Bertoni. Atividade simbólica na infância e abordagem do teatro no meio escolar: convergências e incompatibilidades. **O percevejo on line**, v. 1, n. 2, 2009. Disponível em: <<http://seer.unirio.br/index.php/opercevejoonline/article/view/605/604>>. Acesso em: 15 jun. 2014.

VIOLA, Spolin. **Jogos teatrais**: o fichario de Viola Spolin. São Paulo: Perspectiva, 2003.